

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR
CARLOS MALHEIRO DIAS
 DIRECTOR ARTÍSTICO
FRANCISCO TEIXEIRA

 PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GREGO

 Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão
 Rua Terceira, 43-LISBOA



EDUARDO SCHWALBACH

Assinatura da «Illustração Portuguesa» para Portugal, colonias e Hespanha:	Por anno	48800 réis
	semestre	28400
	trimestre	48200
Assinatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa» Portugal, colonias e Hespanha:	Por anno	88000 réis
	semestre	48000
	trimestre	28000
	mez sem Lisboa	700



AGENCIA DE VIAGENS

R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

Viagens baratissimas À TERRA SANTA



ESTOMAGO

Meio seculo de successo

O Elixir do D^r Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPSEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Braz!
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, B^r DES ITALIENS, PARIS



ZEISS
BINOCULOS

Grande intensidade
luminosa • Excelente
alcançe • Estabilidade •

FARA

Viagem, Sport, Caça

Peçam-se prospectos T 89.

A' venda em todos os estabelecimentos
de Optica e por:

CARL ZEISS—Iena (Alemanha)
Berlin, Frankfurt a. m., Hamburgo,
Vienna, Londres, St. Petersburg

PELLOS DO ROSTO

Verrugas, kistos, sinais, nodos, calvieio, ruga, etc. Cura *rad ca'* com garantia medica, p' los processos electricos do dr. Hinson. *Nem dor nem vestigio.* As senho as da provincia, do Brazil e d' Africa podem se tratar *na sua casa* com o apparatus electrodynamicos do dr. Hinson, *implicissimos e infalliveis.* Pedir folheto no Gabinete de Electrolysis, Praça Luiz de Camões, 36, 1.^a frente. A directora vae tambem ao contra'lo.

COMPREM AS

Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas sedas *Novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:* Ottoman, Liberty, Götels, Grépe de Chine, Louisiana, Tafetas, Mousseline 130 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em negro, branco e cor assim como as *blusas e vestidos bordados* em batiste, ta, lóile e seda. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas *directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.*

SCHWEIZER & C.^o
Lucerna E H. (Suissa)

Exportação de sedas Formes. CORTE REAL

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM O DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na BRONCHITE
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
80, Rue de la Réunion
PREÇO: 300 REIS
Frascos de 1/2 e 1/4 de litro para Portugal por 2 frascos.

Deposito geral: 19, Rua do Arco e Jesus LISBOA

COMPANHIA
DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Mariliana e Sobrelinho (Luzar), Penedo e Casal d' Hermio (Thouza), Valle Mayor (Albergaria a Velha). Instaladas para uma produçã' annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispondo des ma hiniimos mais aperfeiçoados para a sua industria.

*** ESCRITORIOS E DEPOSITOS: ***
LISBOA—270, RUA DA PRINCEZA, 276
PORTO—49, R. DE PASSOS MANUEL, 51

Endreços telegr.: LISBOA, COMPANHIA PRADO; PORTO—P. RT)
—LISBOA: Numero telephonic: 368.

ORPHEON ACADEMICO DE COIMBRA

Coimbra parece ter despertado para a sua epocha, n'um bocejo preguiçoso que brusca-mente se transmuda em attitudes promettedoras de admiração e anciedade. Desperta d'um longo somno de seculos — e os seus habitos inveterados na convivencia de frades e sonhadores, breve se dissolvem, agitados pelos fecundantes estímulos do presente. Já se não contenta com o goso platonico das magnificencias com que a Natureza, em prodigalidades



1—Antonio Joyce, segundanista de direito, organizador do Orpheon academico — (Lichê do phot. RAPHAEL TIMOCO) 2—Antonio Joyce (Caricatura do quintanista de direito JOÃO BRITO)

de rainha opulenta e dádovosa, bordou e coloriu as suas perspectivas, o solo de que ella emerge cingida em amoroso abraço de verdura. Coimbra, na hora actual, aspira a reunir aos encantos da belleza natural, a belleza e a utilidade que o homem realiza n'uma sêde insaciavel de commodidade, de perfeição, imprimindo-lhes os mais diversos e surprehentes aspectos. E assim, ella que era radicalmente medieval no espirito, nas tradições, na disposição geral das suas ruas sinuosas e estreitas, na estrutura externa dos seus predios acanhados; ella que se estendia amodorrada á sombra da Universidade, na despreocupação das necessidades que originam o esforço, a actividade, a independencia, começa a desintegrar-se d'esse espirito e d'essas tradições, a abrir as suas ruas á visita franca e carinhosa do ar e do sol, emancipando-se do longo entorpecimento de seculos. De maneira que a Coimbra de hoje — a Coimbra extra-academica — quasi nem affinidades conserva, já não digo com a cidade das cavalgadas luzidas de fidalgos e conegos de Santa Cruz, nos dias festivos de *actos grandes*, mas com a sombria cidade dos nossos paes. Claro — convem repetil-o, para tranquillidade dos vates retardatarios que aspiram pela benção *bachareante* de Minerva — é só a cidade de hoje, a *urbs* que mal conserva diluidas affinidades com a cidade de hontem. A quinta das Lagrimas, a quinta das Cannas, a vegetação opulenta do

Choupal, nada perderam da belleza eternecida e nostalgica que afina-





1—Grupo de ensaiadores do Orpheon
(Cliché do academico ANTAS DE BARROS)
2—J. Valerio, quartanista de direito (Caricatura
de LUIZ FILIPPE)



ram e desafinaram as lyras do romantismo. O Mondego é um amoroso incorrigível, sempre em confidencias secretas, sob a caricia das ramagens que lhe enrugam a superficie em crispções nervosas e sensuaes. E as tricanas, meus melancolicos vates impenitentes, apesar do sapato e do espartilho, mantem-se como vós fieis ao culto da tradição. Nem sequer engeitaram o uso do lenço claro, em fórma de *bibco*, como não deixaram de sorrir, candidamente, ás seducções d'uma cabelleira bem composta. E que sorriso. meus amigos, se nos dedos que riscam e acamam a cabelleira, palpita, insidiosa e febril, a chamma intermitente de diamantes!

Coimbra asseia-se, ilumina-se, alarga-se em arruamentos modernos e vistosos, aproveita as demasias do solo na abertura de amplos jardins — refugios consoladores, na tranquillidade benigna e resignada dos vegetaes, da agitação impacientemente egoista da vida urbana.

E' certo que não conseguiu ainda desligar-se, por completo, do seu velho arrimo — a Universidade. Mas não é no breve decorrer d'um dia que se perde um habito commodo de longos annos. E já não representam pouco os intuitos nobilitadores de se dispensar do arrimo como elemento principal de equilibrio economico. Traduzem bem esse intuito as suas fabricas, as suas escolas industriaes, as suas officinas modelares, o desenvolvimento que pretende insuflar ao seu commercio. E é ainda na

sua ancia de rehabilitação que ella se entrega confiadamente ao cultivo do movimento associativo.

Como impressivo contraste, a Academia, que foi a combustão sempre viva da idéa nova, a aspiração moderna em permanente effervescencia, que symbolisava a força na solidariedade, dissociase, divorciada do espirito pratico que, n'uma epoca de lucta intensiva, aconselha a união aos individuos e ás collectividades. E' verdade que uma parte da Academia tem os seus centros politicos, hoje, mais do que nunca, devidamente organizados. Os centros politicos, porém, exprimem o facciosismo, o interesse partidario, o conflicto de ideias, e por isso a ultima prova, a mais decisiva, d'aquella dissolução. E então a politica academica de agora, filha da ultima grêve, tem as feições contrahidas no mais duro vinco de rivalidade, de intransigencia. Eu admiro até como Minerva, longe do Olympo, e tão calma entre deuses e a cruz que lhe não dão affectos, — só pelo goso espirital de ungrir os seus eleitos — conserva a graça do seu gesto protector á rebeldia da Porta-Ferreira. Creio bem que se ella sentisse ainda, nas quebradas onde as uvas de Chypre aloiram, o rir lascivo das nimphas perseguidas por



Rodrigo Franco Afonso, quartanista de direito, ensaiador dos primeiros tenores (Cliché da PHOT. UNIAO)



Jupiter, tinha resignado já o seu posto soberano n'um tacho negro de carneiro com batatas.

Todo este arremedo de prologo tem um fim unico — provar, mais uma vez, uma verdade provadissima. Não ha acção sem a correspondente reacção. N'este caso a reacção é o *Orpheon Academico*. Reacção imprevisita, sem intenções reservadas, estranhas á sua aspiração creadora, — o que de resto se verifica em quasi todas as reacções — mas que d'um momento para o outro liga no mesmo interesse creaturas que pouco antes se consideravam incompativeis. O *Orpheon Academico*, que o grande talento musical do segundanista de direito Antonio Joyce apresentou ao publico de Coimbra na noite do sarau em beneficio dos sobreviventes do sul da Italia, ao seu alto significado artistico junta o da sua influencia salutar no nosso meio.

E' um reconstituente efficacissimo trazendo á solidariedade, atravez da magia da arte, crenças, inclinações que o facciosismo ou a indifferença distanciavam.

O facto, considerado sob este aspecto mesmo, não é isolado. Por toda a parte onde os homens sentem a necessidade de se

1—Grupo de ensaiadores
(Cliché do academico ANTONIO DE BARROS)

2—Veiga Simões, terceiroalista de direito
(Caricatura de LUIZ VILIPPE)

acolher a uma commuñão affectiva e perduravel, se fundam associações com caracter estranho aos odios de seita ou de classe. As instituções coraes são um d'esses meios d'associação — em que o canto, a crystalisação do som em relevos rhythmicos e coloridos de harmonia, embebe as almas de sonho, furtando-as aos embates de interesses odiosos.

Um intuito semelhante — a necessidade de afugentar das almas influencias malignas — obrigava os agourentos discipulos de Pythagoras a entoar cantos, em côro, á hora do repouso e do começo dos seus trabalhos. O que vem demonstrar-nos que o *Orpheon* não é contemporaneo do «imperialismo» e muito menos da moda previdente que converteu em parede de relógio o jaspe cabelludo do pulso dos meus semelhantes masculinos.

E em face d'isto, podemos tambem concluir que o Joyce tanto pôde ser a metempsychose aperfeiçoada, e sem agoiros, dos discipulos de Pythagoras, como o d'aquelles pittorescos juizes gregos, que ao ar affavel das madrugadas, impregnado do halito fresco dos myrthos e das anemomas, agrupados, entoavam arias de *Phenicus* seguindo o caminho do Tribunal. E não será o Joyce, afinal — vinde em meu auxilio caprichosos manes da hypothese!



José de Sousa Ratto, ensalador dos barytonos



Godofredo Monteiro, ensalador dos baixos
(Cliché da PHOT. LUZ E SOMBRAS)

—uma revivência dos artistas que deram á Italia os *Laudisti* e a doçura dos seus canticos entoados, a horas mortas, nas ruas silenciosas? Nada mais natural do que a emigração d'um d'esses remotos artistas para o solo d'entre Tejo e Mondego; ou a sua passagem para o nos-

so meio atravez das transformações, no seio imponderavel do ar e da luz, mesmo no rubor virginal d'uma rosa trazida em tempos, amorosamente, de Génova ou Florença.—E o artista, longinquamente oriundo da Italia, desabrocharia em Portugal, n'uma nova fórma, e com alma de portuguez pela longa convivência das seivas, das côres, dos murmurios, das anciedades da flora portugueza.

O problema fica apontado. Será assim? Não será? Aceito a duvida se me demonstrarem que nem os discipulos de Pythagoras, nem os juizes do paiz dos deuses, nem sequer os *Laudisti*, comprehendiram e interpretaram Wagner—quando é certo que o Joyce lhe consagra adoração que não égrega, nem italiana, e muito menos portugueza...

Mas enquanto o problema se não resolve, regressemos ao *Orpheon*. Devia ter começado por lhe fazer a historia, uma historia ponderosa cheia de nomes e de numeros. E falaria então dos judeus, contando a sua vida em psalmos que foram o embrião das sociedades coraes masculinas e christãs para a execução da musica sacra. Evocaria os romanos, os gaulezes, os bretões nos seus velhos canticos coraes, no furor da guerra, ou no terror supersticioso dos deuses. E vista essa jornada por entre a poeira do passado, não esqueceria as *currénde*, na Allemanha, instituição d'onde brotou a confraria lyrica dos *Meis terraenger*, que inspiraram a Wagner uma das suas maiores obras. Desejava furtar-me, porém, ás confidencias da historia pelo receio de confrontos desagradaveis.

Custava-me que ella me apontasse Portugal, para que eu

o visse em face dos demais povos da Europa. Em todos elles —gregos, romanos, germanicos ou scandinavos—revelando-se, por instituições actuaes, ou por afirmações da palavra escripta, a existencia de sociedades coraes organisadas com precisão racionada e methodica.

Entre nós ella mal denuncia vestigios de musica coral. E os unicos que encontra definidos são os que deram aos frades o fio de comunicação com Deus —antes, e depois de Deus



Fontes, segundánista, secretario do Orpheon
(Cliché do photographo LUZ E SOMBRAS)



Academico (caricatura do quartanista de direito)
J. VALERIO)

lhes conceder o fio de comunicação com as liberalidades da terra, tecido de substancias generosas e substanciosas. Ora a musica coral monastica, *vesperas* ou *matinas*, á semelhança do actual cantochão de responsos funebres, são tão nacionaes como o somno e o bocejo. Onde

Godofredo Monteiro
(Caricatura de J. VALERIO)

quer que haja homens, haverá somno e bocejos—como onde quer que haja frades, ou almas a recomendar á justiça infalivel dos catholicos, haverá *vesperas*, *matinas* e responsos. Apenas modernamente se revelam tentativas arrojadas para a educação do gosto portuguez, afeição do á cultura da musica coral. D'essas tentativas, a do sr. João Arroyo representa uma manifestação d'arte e de esforço absolutamente superiores. O orpheon acadé-





Grupo completo do Orquestra de Coimbra
(Click do photographo GABRIEL FERREZ)



Henrique da Rocha, quartanista de direito, ensaiador dos segundos tenores (Cliché do photographo TANOCO)

balhados em dias e mezes para serem o fugitivo encaicho d'uma hora. O mesmo succedeu ao orpheen do centenário da *Sebenta, orpheen* humorístico, brilhantemente ensaiado pelo sr. dr. Luiz d'Albuquerque.

Ao faltar-lhes a energia, o amor isolado que lhes deram forma e realisação, essas tentativas, exuberantemente promettedoras, cahiram na cinza luminosa das recordações marcadas por um traço de talento.

Na Allemanha e na França. *Goethe e Beranger*, aquelle em aliança com o musico *Zelter*, este com *Wilhem*, fundam *orpheons* que se continuam, dando origem a novas e identicas sociedades. Mas na Allemanha como na França a obra musical dos dois grandes poetas encontra uma atmosphera de natural e envolvente *sympathia*, um meio fertil preparado para a sua fecunda adaptação. Essa atmosphera, esse meio, não os possuímos nós. E a sua falta é tão sensível, que, quando o Antonio Joyce falou em organizar o *orpheon*, só se lhe depararam hesitações, descrenças, a duvida esmagadora que nos inutilisa para todas as iniciativas.

Afinal o Joyce venceu hesitações, descrenças, duvidas, quebrando-as sob a sua vontade disciplinada e forte. E creio bem que esta victoria egual a de conseguir apresentar em publico, senhores de si como artistas preparados atravez d'uma longa educação, cento e cincoenta rapazes, que na sua maioria não distinguiam um *do* bemol d'um *fa* sustentido.

De maneira que o Orpheen academico constitue ainda, por um raro equilibrio de energia moral com um talento musical do mais acen-tuado relevo, além da reacção

mico do centenário de Camões authenticou um alto temperamento artistico, uma energia dominadora e milagrosa — mas não passou além dos limites das tentativas. Viveu durante o momento para que foi creado, á maneira de certos objectos de luxo, preciosos e raros, tra-

contra a fallencia da velha fraternidade academica, uma lição excellentemente apprehensivel para os fracos. Os fracos, revendo-se na obra de Antonio Joyce, teem de concluir que uma sã vontade, orientada pelo conhecimento exacto das coisas, consegue o que os Titens, a despeito de toda a sua mythologica força, não conseguiram — por não conhecerem



Isidoro Aranha, quintanista de direito, actor e ensaiador da *Lagrima* (Cliché das Officinas photographicas)



Adelino Furtado, quintanista de direito (Caricatura de LUIZ PHILIPPE)

o céo que pretendiam escalar. O proprio *Orpheen*, só por si, é um seguro educador da vontade. Sendo um conjunto, obriga o individuo a re-

velar-se como individuo, independentemente dos outros. Cada um dos seus membros deve marcar uma actividade distincta, integrando-

O *Baccaro* cantando com o maximo sentimento (Caricatura de J. VALLEIRO)

se na harmonia do todo. E prepara assim a confiança no esforço proprio, cria o habito de vencer por esse esforço, tempera o estimulo da responsabilidade, do sentimento pessoal de não prejudicar o esforço alheio.

Nós quasi nem avaliámos as difficuldades de afinar pelas exigencias de tal educação temperamentos indecisos como o nosso. Somos tudo pela affirmação labial.



Juramo-nos capazes de esfarelar Hy malaias. Mas ao abordarmos a afirmação concreta dos factos, succumbimos deante de vinte paginas escassas de lição...

Evidentemente—para attingir esse grau de consciencia na responsabilidade e uma correspondente confiança individual em creaturas tao pouco adextradas no exercicio da personalidade, o Antonio Joyce dispõe de recursos que parecem um paradoxo, se os confrontamos com a sua figura delicada e nervosa. E demais a mais elle começou por ensaiar um coral de *Bach*. O coral de *Bach* para afeiçoar espiritos estranhos aos segredos da musica, aos encantos da voz em conjunto! Foi acolhido com retrahimento, com antipathia — a maioria dos cooperadores do Joyce sentenciaram-no mesmo a um abandono immediato. Não se amoldava aos seus recursos d'arte e o publico recebel-o-hia com hostil indiferença.

Os ensaios proseguem, porque Joyce não desiste de o in-



receu no palco. Elle era ainda uma incerteza, uma duvida. Além d'isso tinha dois mezes de ensaios, passando, no estreito espaço d'esses dois mezes, por vicissitudes que o haviam assignalado com uma desdenhosa interrogação. Mas o coral rompeu, atacado por cento e cinquenta vezes, n'um impeto firme e decidido. O publico estremece, vibrante, na estranheza do abalo inesperado—e, como gotas d'agua que um sopro de vento sacudisse de ramos d'arvore, as duvidas, as incertezas fundem-se á chamma intensa do enthusiasmo subitamente despertado.

O *Orpheon* evocava a apparição do Christo pallido e ensanguentado. Mas a onda larga de som, lançada ao ambiente como um grito de assombro, esbate-se, de repente, n'um murmuro, na voz sentida da piedade pelo sangue inutilmente vertido.

Evoação atravez das notas, recordatas com grave unção, o reflexo da dôr pranteada. E á medida que a dôr se resolve em arrependimento, a toada cresce, alonga-se, lentamente, até traduzir a amargura da contrição, attingindo a seguir o profundo clamor d'um grande remorso que se con-



- 1—Afizando as vizes
(Chiclé do academico JOSE VASCO MASCARENHAS)
- 2—José de Sousa Basto, ensaiador dos barytonos de direito (Caricatura de LUIZ FILIPPE)
- 3—João de Brito, quintanista de direito (Caricatura de JOAO DE BRITO)
- 4—Francisco Affonso, quartanista de direito (Caricatura de JOAO DE BRITO)

cluir no seu programma. E todos, os orpheonistas e depois o publico, manifestam dentro em pouco o seu enthusiasmo por essa bella creação d'um dos maiores cerebros musicaes da Allemanha. O coral de *Bach*, em breve assimilado pelo *Orpheon*, constituiu um dos grandes numeros do sarau.

Não esquece essa noite—como não esquece o momento em que o *Orpheon* appa-



essa. Os accordes intensificam-se em tonalidades mais seguras, as modulações torturam-se, como refluindo a custo, estranguladas pela angustia. N'esse momento supremo e empolgante o admirável trecho musical lembra o choro atormentado d'uma cachoeira que se despenha, em imprecações e rugidos. Os desenhos cruzam-se, vivos, accentuados—e prolongam-se por fim na largueza d'uma suspensão eloquentemente dominadora. A angustia, não podendo alcançar pela expressão toda a sua altura, como que procura fixar-se no espaço, indefinidamente. Mas vem logo o desfalecimento, o cansaço. E n'uma transição gradual as vozes esmorecem, amortecendo-se,



Terceiranista de direito
(Caricatura de LUZ PHIPPI)

ca, dão-nos a impressão viva d'um movimento ondulatorio e rápido—e essa impressão obriga a plateia a acompanhar o movimento ondulatorio da musica.

O *Freichütz* é um novo titulo honorifico do Joyce e do *Orpheon*.

E como as boas impressões, uma vez gosadas, foram sempre a causa da insaciabilidade humana—já assim era nos dias paradisíacos d'Adão e Eva—o *Orpheon*, passando os limites do programma, teve de reproduzir-se em novas e desejadas impressões. Essas impressões foram o premio justo a um artista de raça—o quintanista de direito Isidoro Aranha—pela sua composição musical a *La-grima*.

No momento em que traço estas linhas, que não consegui envolver n'um pouco de calor do meu entusiasmo, o *Orpheon* prepara-se para cantar uma grande rapsodia de canções portu-
tuguezas

chegando ao sussurro vago, remoto d'um côro triste que se perde ao longe.

Só então o Joyce deixa cair os braços nervosos, verga o busto vigoroso e franzino sob o delirio phrenetico dos applausos. Tinha vencido. Essa primeira prova o torgara-lhe um predomínio indiscutível sobre a com-

sciencia da plateia que tremera, no arripio da mais funda commoção.

Passa logo a reger um trecho do *Freichütz*, de Weber, cortando assim a tensão em que mantivera os espiritos no coral de Bach—e a leveza graciosa da apologia da caça, traçada com a finura requintada d'um romantico, encontra já uma atmosphera de communicativa adhesão.

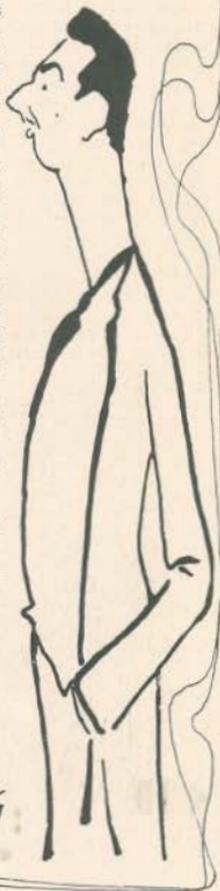
O côro detalha bem as phrases da delicada peça, desde o ruído da cavalgada em ginetes possantes, por entre as ramagens da floresta, seguindo matilhas e lacaíos, até ao encarecimento exaltado dos prazeres da caça. Por vezes as notas, dispersas, sublinhadas com precisão germani-

—echo suggestivo da alegria, da melancholia, do vago mysticismo, da graça caustica d'um povo que foi feliz sob a doçura misericordiosa d'um céu deliciosamente azul.

Está resolvido o problema—affirma um visinho aqui da esquerda, triumphantemente. E continua.—o Joyce não é oriundo da Grecia, nem da Italia sonhadora. A sua origem remota fui encontral-ana Germania das florestas e dos philosophos. Esmiuçá lhe bem os recantos da alma, a firmeza da energia moral—e concordará commigo. Nasceu em Portugal como uma amendoeira pôde nascer no Egypto. E foi a doçura d'este ambiente, impregnado do perfume das madsilvas, a indole branda da raça, em que erram vestigios de gregos e romanos, que lhe temperaram e latinisaram o caracter, a affabilidade do olhar e do sorrir...

Coimbra, 5-2-1909.
SOUSA COSTA.

Bourbon, quartanista de direito
(Caricatura de JOSÉ DE BRITO)



João Pereira



Aluisio de Vasconcellos, lucharel em theologia e quintanista de direito, thesoureiro do *Orpheon*



OS POSTIÇOS

E' com o mais intenso jubilo que a *Illustração Portuguesa* regista nas suas paginas o triumpho alcançado por Eduardo Schwalbach com as representações da sua nova peça *Os Postiços*. Este grande exito não surprehendeu ninguém. O illustre auctor do *Intimo* desde a sua estreia nos habituára ás suas assignaladas victorias litterarias. Mas a sua nova obra, confirmando os talentos excepçionaes do grande homem de letras, veio acabar de consagra-lo como o primeiro comediographo do seu tempo. A sua comedia é, debaixo do ponto de vista da technica, um prodigio; debaixo do ponto de vista da observação, um modelo de satyra. Tendo multiplicado as difficuldades na factura da sua obra, dir-se-hia pelo nobre prazer de as vencer, o mestre indiscutido da comedia conseguiu o milagre de tratar uma acção sob os diversos aspectos do drama, da alta comedia e da farsça, sem que ella se transvie em episodios inuteis ou perca a nobreza de linhas, que lhe mantêm de principio ao fim a hierarchia de uma obra de arte.



1—Eduardo Schwalbach, auctor d'*Os Postiços*
2—Uma scena do 5.º acto d'*Os Postiços*



«Os Postigos em D. Amélia: Uma scena do 4.º acto
No medallão o retrato do sr. visconde de S. Luiz Braga, o audacioso empresario a cuja iniciativa o elegante theatro
deve tão liougeiros e brilhantes successos (Cliché FERNANDES) (Clichés de BUNOLINI.)

FIGURAS E FACTOS



*O concurso do monumento da guerra peninsular:
A maquette dos srs. José e Francisco d'Oliveira Ferreira, a que o jury attribuiu o primeiro premio
(Clickés de BENOLIEL.)*

O COMICIO DO DIA 21



Um aspecto interessante do comicio republicano realisado na Avenida D. Anselmo para tratar de assumptos municipaes, e que, apesar do dia agreste, foi bastante concorrido, como mostra a photographia que reproduzimos

(Cliché de RENOLIZ.)

A DESTRUIÇÃO DE ESPINHO.

Se fosse necessário um exemplo impressionante e convincente do desprezo ferozmente egoísta que os homens de governo, absorvidos em chicanas políticas, votam aos interesses das populações, difficilmente poderia encontrar-se outro que melhor se prestasse aos commentarios indignados da opinião publica.

Ha annos que o mar vem destruindo a villa florescente de Espinho, collocada no percurso da mais importante linha ferrea do paiz.

Aos clamores angustiosos da população sacrificada, os ministros respondem com promessas cujo cumprimento de anno para anno se protela; e enquanto os technicos discutem, as ondas vão derrubando as ultimas casas, de modo a fazer suspeitar que quando venha a tomar-se uma resolução governativa ella se reduzirá a um pequeno padrão commemorativo onde a posteridade possa lêr: «Aqui existiu Espinho.»



As duas photographias que reproduzimos representam aspectos da destruição progressiva que a invasão do mar vai constantemente produzindo em Espinho

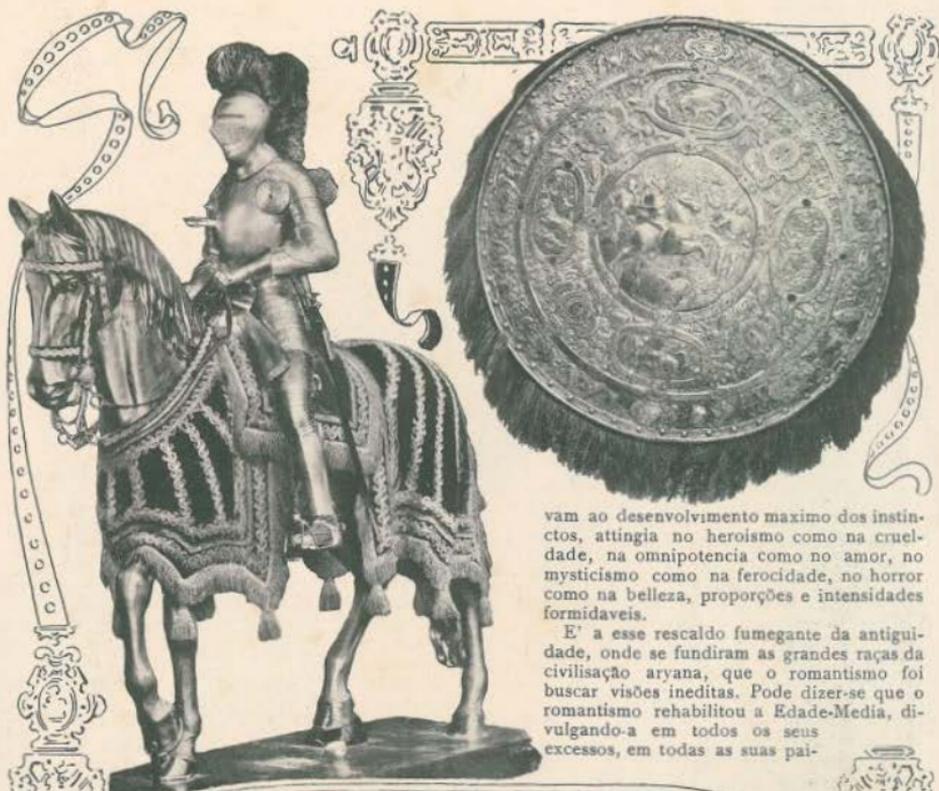
UMA VISÃO GRANDIOSA DO PASSADO A ARMARIA REAL DE MADRID

O romantismo, revelando a grandeza theatral que revestiu no passado, desde a dissolução do imperio romano, a vida da Europa christã, veiu lisongear esse sentimento innato no homem e progressivamente desenvolvido pela civilização, a que um historiador allemão chamou «o culto da grandiosidade».

1—Espada hespanhola do seculo XII
(Folha marcada de Lopez Agudal)
2—Armeç de porada de el-rei D. Sebastião de Portugal

Foi explorando esse sentimento ingenuo, aperfeiçoado pela erudição e pela arte, que as religiões e as realezas mais facilitaram a sua dominação e melhor mantiveram a sua soberania. O predomínio revestiu sempre a exterioridade pomposa que é, até certo ponto, a grande razão de ser social da sua existencia. E assim se verifica como uma lei historica que o apparatus do Estado está em razão inversa das liberdades publicas. No regimen de escravidão, a vida enfeita-se com desregradas pompas. A autocracia medieval participava do fausto reservado pela lithurgia ás divindades. Nas eras barbaras em que a força supplantava todo o direito, os privilegiados tinham que justificar as suas prerogativas com todos os expedientes do fausto. E eram então brocados, telas de ouro, velludos e purpuras, aljofares, plumas e arminhos a arrecamar nas horas de paz esses mesmos senhores que saíam ás pontes levadiças dos seus castellos, a caminho das batalhas ou das cruzadas, vestidos de lorigas de ferro, montados em corseis gualdrapados de aço. Necessariamente a vida, em condições que singularmente se presta-





vam ao desenvolvimento maximo dos instintos, attingia no heroismo como na crueldade, na omnipotencia como no amor, no mysticismo como na ferocidade, no horror como na belleza, proporções e intensidades formidaveis.

E' a esse rescaldo fumegante da antiguidade, onde se fundiram as grandes raças da civilisação aryana, que o romantismo foi buscar visões ineditas. Pode dizer-se que o romantismo rehabilitou a Edade-Media, divulgando-a em todos os seus excessos, em todas as suas pai-



1—Arnes de guerra de Carlos V. 2—Escudo de Philippe III (1590) 3—Aspecto geral da Real Armaria de Madrid



xões furiosas, em todo o seu incomparavel pitoresco, em todo o seu ardor bellicosos, em todo o seu fausto barba

ros aos leitores do romance e aos auditerios do theatro.

Portugal, acompanhando o movimento da litteratura romantica, viu uma pleiada de escriptores eruditos, á frente da qual sobresaíam Herculano e Garrett, arrancar de entre a poeira erguida pelo remover dos archivos e o folhear das chronicas, essa mesma visão decorativa, estropeante de armas, cheia de scintillações de espadas e lampejos de armaduras, por onde perpassavam os vultos sensuaes da infanta D. Thereza e da rainha D. Leonor ou as figuras heroicas de Afonso Henriques e do Mestre d'Aviz. Mas essa evocação do passado vinha encontrar-nos, pela escassez dos documentos que d'es-

sa epoca restavam, na maior difficuldade em satisfazer a curiosidade do publico pateando-lhe as reliquias da sua historia medieval. Uma successão de fatalidades reduziu esse patrimonio a algumas ruinas de

castellos e a algumas toneladas de sucata carcomida pela ferrugem. Da vida civil e militar dos seculos XII, XIII, XIV e XV, pouco menos que nada sobrevivia fóra dos archivos da Torre do Tombo. A Edade-Media legára apenas aos seus longiquos descendentes do seculo XIX os seus castellos esbarrondados e as suas egrejas mantidas pela continuidade da fé. O pelote de D. João I, guardado na collegiada da Oliveira, em Guimarães; a supposta espada de D. Afonso Henriques, hoje na posse do Porto; o capacete e a espada de D. João II, conservados no Museu de

Artilharia, são os exiguos trophéus marciaes d'esses quatro seculos bellicosos, em que tanto batalharam os montantes e as lanças, os bulhões e as adagas, as machadas e os viro-

tes. Onde se sumiu todo esse arsenal guerreiro da Edade-Media, com que os reis das primeiras dynastias expulsaram o mouro e combateram o castelhano? Não parece audacioso presumir que a melhor parte d'esse relicario da gloria ficou em Alcaccer-Kibir, a ultima grande batalha em que os portuguezes pelejaram com armadura. Lá ficaram para sempre perdidos os arneses de gala, de justa e de

combate de toda a nobreza de Portugal. Quiz depois a fatalidade que o terramoto de 1755 destruiu a armaria dos paços da Ribeira e que um incendio devorasse a sala d'armas fundada em Estremoz por D. João V. no seu tempo considerada um dos mais ricos museus militares da Europa. Fóra-se tudo n'essas tres voragens calamitosas; e hoje, quando queira vêr-se uma reliquia authentica d'esse passado, forçoso é

ir a Madrid contemplar na Armaria Real do Palacio do Oriente a armadura sumptuosa de





D. Sebastião, que se supõe haver sido transportada para Hespanha, depois do desastre de Alcazer, pela mãe do monarca malogrado, que lá ficou com o seu sonho nos areaes de Marrocos.

Durante muito tempo se pretendeu que o famoso arnez de parada era um presente do rei D. Manuel a Filippe II, e ainda o catalogo de 1849 consignava essa presumpção grosseira.

Espada alemã de Filippe II
marcada
por Clemente Horo

datas, por ter apenas seis annos de idade o filho de Carlos V quando morreu em Portugal o *Venturoso*. Nenhuma nota, porém, fôra possível encontrar que se lhe referisse entre os inventarios da armaria

que não resistia a uma simples confrontação de

era um mysterio. Debalde nos archivos de Simancas historiadores e archeologos procuravam desvendar esse enigma, até que se resolveu o que, por tão simples parece inverosimil se não tivesse feito de principio: renunciar ás investigações estereis e examinar attentamente a armadura mysteriosa.

Viu-se então, pelas decorações heraldicas da tauxia, que a famosa panoplia fôra lavrada com destino a um principe portuguez de estirpe hispano-austriaca. Decoravam-na espheras armilares, cruzes de Aviz, a aguia bifronte dos Habsburgos, o leão e a granada de Hespanha, e entre os labores destacava emfim o escudo de Portugal. Ora, no decurso do seculo XVI, só a dois principes portuguezes podiam applicar-se essas nobres divisas: ao infante D. João, filho de D. João III e de D. Catharina de Austria, irmã de Carlos V, morto aos dezeseite annos sem ter cingido a corôa, e a seu filho, o rei D. Sebastião, morto aos 24 annos em Alcazer-Kibir, no anno de 1578. Posta de lado a hypothese de haver pertencido ao primeiro, tanto pela impossibilidade de correspondem as suas proporções a idade

tão juvenil, como pelo estylo, que accusava a influencia do Renascimento allemão da



2—Arnez de Filippe III 3—Arnez de justar a pé de Carlos V (1526)

hespanhola. Essa peça, porventura a mais bella joia militar do seculo XVI, não tinha historia. A sua proveniencia

segunda metade do seculo XVI, forçoso era attribuil-a a D. Sebastião, oriundo, por sua mãe,

a princesa D. Joanna, filha de Carlos V, da grande casa d'Austria. A reforçar esta presumpção, hoje universalmente admittida como verídica, ha ainda a coincidência das suas dimensões com o retrato que do ultimo representante da dynastia gloriosa dos duques de Beja desenharam os chronistas, que o dão como mais alto e forte que Philippe II.

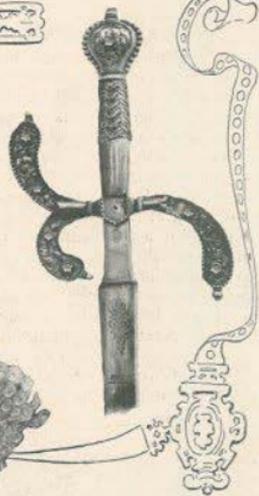
Como obra de arte, a armadura de D. Sebastião é a obra capital do celebre Pfaffenhauser, de Augsburgo, considerado o mestre dos armeiros allemães do seu tempo; e entre os esplendores da Armaria Real do palacio do Oriente avulta como uma das maravilhas maiores, ao lado dos mais sumptuosos arneses de pærada do vencedor de Pavia.

A julgar pela sua sumptuosidade, o que seria, nos meados do seculo XVI, a armaria real dos paços da Ribeira, onde se guardavam não só os arneses de justa e guerra dos soberanos e principes, como os tropheus das conquistas do Oriente!

Não cabe nos limites estreitos d'esta noticia o desenvolver sobre dados histori-

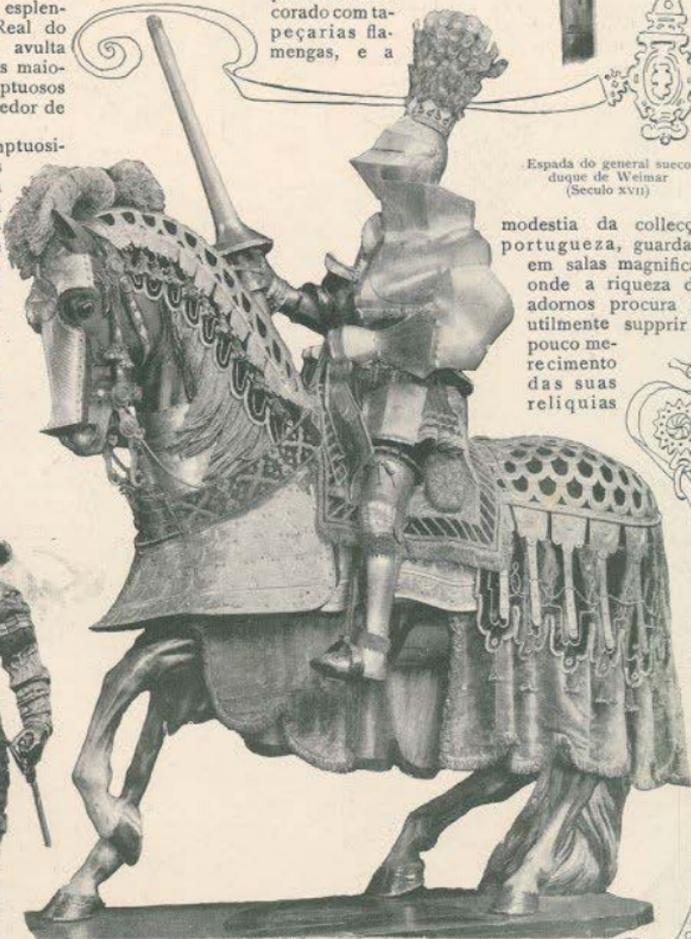
rança opulenta e que o despojou das suas mais gloriosas riquezas.

Ao passar os olhos pelas gravuras que illustram estas paginas, o leitor terá feito o confronto entre a sumptuosidade do museu hespanhol, installado n'um simples ples salão decorado com tapeçarias flamengas, e a



Espada do general sueco duque de Weimar (Seculo XVII)

modestia da collecção portugueza, guardada em salas magnificas, onde a riqueza dos adornos procura inutilmente supprir o pouco merecimento das suas reliquias



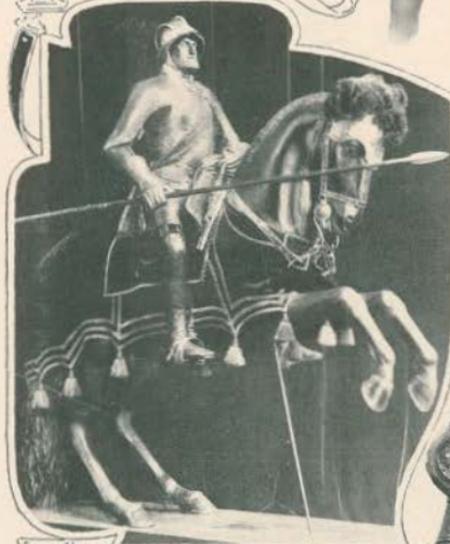
2—Arnez de justa equestre de Carlos V
3—Armadura á romana do imperador Carlos V, obra milaneza de Bartholomeu Campi

cos essa visão retrospectiva, dissipada pela fatalidade obstinada que privou Portugal d'essa he-

militares. E comtudo, Portugal, onde se viu vender a peso as armaduras dos duques de Bragança, podia estar

na posse de um mu-
seu rival do de Ma-
drid. Basta correr nas paginas
dos chronistas a relação dos reis
que protegeram e estimularam
o jogo varonil e marcial das justas
e torneios, para se fazer idéa de
quanto seria copiosa em arneses
italianos e allemães a herança le-
gada pelas magnificencias da
realza. A melhor parte d'esse
grandioso patrimonio jogou-a
porém, n'uma aventura insensata,
com a sorte da patria e a perda da
vida, um guerreiro mystico, cuja
imaginação se transviára na leitura
dos livros de cavallaria, que de
Santa Cruz mandára vir
a espada e o escudo do
fundador do reino e a
quem o duque d'Alba

o nucleo principal
das collecções pro-
venientes das *Camaras de Ar-
mas* dos soberanos hespanhoes
dos seculos XVI e XVII, ser-
vindo-lhe de base fundamental
a armaria de Carlos V, capitão
insigne, cujas emprezas enche-
ram durante meio seculo as pa-
ginas da historia. A bellicosa
ascendencia dos duques de Bor-
gonha; a sua predieção pelos
exercicios varonis estimulada por
Maximiliano I da Allemanha,
que foi o mais dextro justador
do seu tempo; as suas rivalida-
des com Francisco I; as guerras
em que interveiu con-
tra turcos e protes-
tantes; cada uma
d'estas circumstan-



1—Arnez pequeno de Filippe I (1551)
2—Arnez ligeiro de guerra usado por Carlos V
na batalha de Mühlberg

3—Arnez pequeno do principe das Asturias
D. Baltazar Carlos, filho de Filippe IV
4—Espada com guardancho arabe que pertenceu
ao cardeal infante D. Fernando

enviava de presente, nas vespéras da re-
frega fatal, o elmo de Carlos V.

Mais feliz do que nós, e ape-
sar do que perdeu com a In-
vincível Armada, a Hespanha
poude conservar intactas as pa-
noplias de torneio e de guerra
do conquistador de Tunis, a que
vieram reunir-se as armaduras
de Filippe II, Filippe III e Fi-
lippe IV.

E' geralmente sabido que a
Real Armaria
de Madrid se
constituiu com

cias o mantiveram em continuas luctas
de guerreiro. Sem sahir dos seus
vastos dominios, Carlos V dispu-
nha dos maiores centros indus-
trias de fabricação de armas: Mi-
lão e Augsburgo, que ambas se
disputavam a supremacia de la-
vrar e decorar o ferro. D'esta no-
bre emulação, alimentada pelo pro-
prio imperador ao chamar para
seu serviço os Negrolis e os Col-
man, deriva em grande parte a
importancia artis-
tica das soberbas
armas de guerra



e de parada, de cuja posse com razão a Hespanha se envaidece. Filippe II reuniu ao espolio paterno não só as armas do thesouro de Segovia, entre as quaes a *Colada* e a *Tizona* do Cid e a *Lobera* de S. Fernando, como os tropheus que D. João d'Austria ganhara na batalha de Lepanto, que assim

na confusão das batalhas, arvoradas pelos guantes de ferro dos alferes-mores.

Ao entrar na Real Armaria, quem por completo não seja esteril de imaginação cuidará vêr de repente resurgir todo esse passado guerreiro que tão intensamente evocam os manequins armados de ponto em branco sobre os seus cavallos recobertos

de jaezes de guerra. E é essa visão medieval que fica na retina e que ainda a estas horas se esbate, com lampejos de arnezes, scintillações de lanças e vãos irisados de plumas ante os olhos de quem escreve esta noticia ligeira... Pena é que para esse quadro maravilhoso não se tivesse de preferencia utilizado um dos muitos castellos que em Hespanha erguem ainda as torres altaneiras sobre os seus terraços militares...



1—Espada de D. Filippe. 2—Espada attribuida a Fernando Cortez. 3—Arnez oquestre de Filippe II

figuram ao lado da tenda de Francisco I, dos tropheus conquistados em Tunis e das armas do eleitor da Saxonia, feito prisioneiro na batalha de Mühlberg, sem falar dos guiões, flamulas, bandeiras, insignias e estandartes que esvoaçaram nos topos das náus de guerra e ondearam

SOCIEDADE
SILVA PORTO.
A SUA
EXPOSIÇÃO



1—S. M. El-Rei
à porta da Escola de Bellas,
Artes despede-se
do pintor Carlos Reis,
felicitando-o pelos trabalhos
dos seus discipulos

2—Costa de Lagos (Algarve)
quadro de João Trigo

3—Rua de S. Gillo (Thomar)
quadro de Leandro
Calderon





1—Estrada do Padrão
(Thomaz), quadro
de Frederico Ayres



2—S. Paulo (Goes), qua-
dro de Saude



3—Monte-Olivete (Pe-
drogan-Pequeno), qua-
dro de Abel Santos



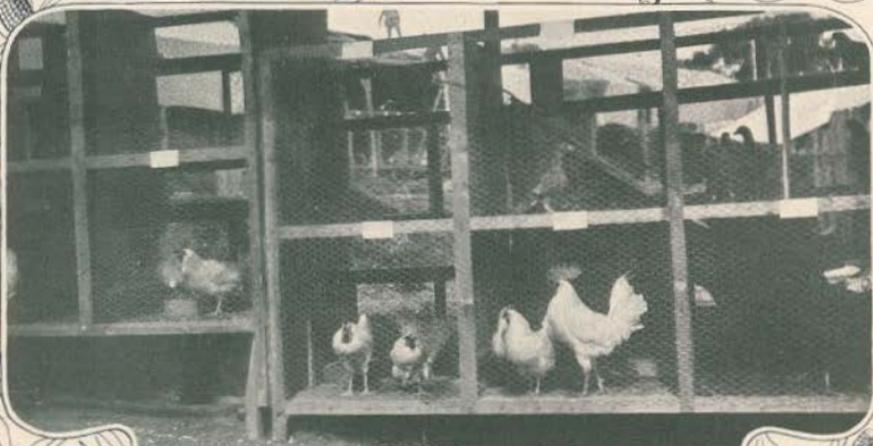
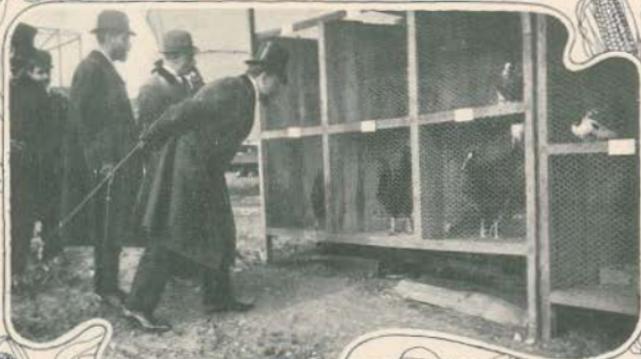
4—Lavadeiras no
Lima (Ponte de Lima),
quadro de José Campas
(Clichés de RENOLIRL)



A exposição que tem si-
do bastante concorri-
da, continuando a af-
firmar o lisongeiro re-
sultado dos esforços
da Sociedade Silva
Porto, abriu no dia 17
na Academia de Bel-
las Artes.



A EXPOSIÇÃO
DE AVES
NO
PARQUE - EDUARDO-VII
INAUGURADA NO DIA 18 DE MARÇO



1—O sr. D. Luiz de Castro, ministro das obras publicas, examinando alguns dos exemplares expostos, por occasião da visita que realizou no certamen em 18 de março, dia da sua inauguração



2—Um aspecto das installações da exposição que dá idéa da sua disposição geral



3—Um magnifico casa de galinhas de boa raça

(Clichés de senoz,sa.)



O duello Espregueira-Caeiro da Matta

Na quarta-feira 17 do corrente, pelas 10 horas e meia da manhã, na serra do Monsanto, realisou-se um encontro á pistola entre o sr. conselheiro Manuel Afonso Espregueira e o sr. dr. Caeiro da Matta, provocado por incidentes parlamentares.

Foram padrinhos do sr. ministro



da fazenda os srs. Mathias Nunes e dr. Moreira Junior e do sr. deputado Caeiro da Matta os srs. Anselmo de Andrade e conselheiro José de Azevedo Castello Branco.

Exerceu as funções de juiz do campo o sr. conde de Penha Garcia.



MAZZANTINI



Falei-lhe, é um perfeito *gentleman*, educado e distinto. As suas primeiras palavras foram de grande reconhecimento para com a Família Real, pelo carinhoso acolhimento que se dignou fazer-lhe, e para o povo português cujos applausos apreciou sempre duplamente, visto que não pode mostrar-lhe o seu melhor trabalho — a morte d'um touro — no que era exímio.

—Falo sinceramente, creia, tanto mais que já abandonei essa carreira.

O ex-diestro



Ultimo retrato de Luiz Mazzantini, (1909)

Quando outro dia entrei nas salas em festa da legação de Hespanha deparei com Luiz Mazzantini, apumado, elegante e condecorado, que attrahia as atenções geraes.

Estaria feito diplomata? Não, a sua missão era de caracter particular. Mazzantini viera a Lisboa expressamente entregar a S. M. El-Rei o es-

toque com que em Guatemala matou o seu ultimo touro e que havia destinado a El-Rei D. Carlos. A dedicatória a ouro sobre a lamina de Toledo dizia ser uma homenagem de profunda gratidão. O laureado «espada» recebera, de facto, d'aquelle monarcha, varias provas d'estima e entre ellas a commenda da Conceição, com que agora se apresentou no paço, e que elle muito aprecia não só pelo que significa, como tambem por ter o nome de sua infeliz esposa.



2—Mazzantini á porta da sua villa Concepcion, com o seu cão dinamarquez Ihor (1901)

3—Mazzantini em traje de farna (1902)



ra de advogado a falta de recursos obrigou-o a em-
pregar-se. Aos 21 annos era chefe de estação na
linha ferrea Caceres-Portugal.

Foi n'esta situação que se convenceu de que, n'aquelle
tempo, em Hespanha apenas se podia ser duas cousas:
cantor ou toureiro. Não tendo voz, escolheu a se-
gunda.



é popularissimo em Hespanha como em Portugal, a cada passo, em Lisboa, encontrava um conhecido; em S. Carlos conhecia todos os artistas com quem falava no mais correcto italiano.

A vida de Mazzantini é muito accidentada e interessantissima. Filho de pae italiano, um antigo official do exercito emigrado depois da revolução de 48, nasceu na provincia de Guipuzcoa em 1856. Ao terminar o curso preparatorio para a carrei-

ON PARLE
PLUSIEURS LANGUES
ON RECOIT
AU CHANGE DU JOUR
TOUTES LES LANGUES
ETRA
TELEPH



- 1 — Mazzantini passeando em Lisboa
- 2 — Falando com o seu amigo Mario Anzani
- 3 — Em Lisboa: saindo do Hotel d'Inglaterra
- 4 — Tomando café no Suisso

(Clichés de HENRIERL)



1—A esposa de Mazzantini
(1901)
2—Mazzantini, chefe da esta-
ção do caminho de
ferro de Malpartida (1879)

Mazzantini ao tomar
a alternativa
de matador de touros
em Sevilha (1884)

Começou a exercitar-se nas horas de folga, tomou parte em novilhas nas povoações vizinhas e aos 22 annos debutava n'uma tourada que annualmente se realisava, promovida pelos antigos companheiros do caminho de ferro em favor da sua caixa de soccorros.

Mazzantini avançou depressa, a sua figura elegante impunha-se, as suas destreza e força, grande estatura e coragem em breve lhe deram o estoque de matador.

Começa então a sua activa peregrinação artistica na ardua tarefa, tão perigosa quanto lucrativa, de lutar com touros e vencel-os para divertir as gentes.

As suas estocadas magistraes deram-lhe reputação universal e o seu nome era solicitado pelas emprezas dos dois mundos, sendo obrigado a viajar constantemente pela America, Hespanha e sul da França, recompensando bem os caminhos de ferro do auxilio que antes lhe haviam dado.



Os seus lucros cresciam com a sua fama, assim, se quando em 1882 embarcou em Lisboa para Montevidéu ia ganhar 100 duros por corrida, quando ali voltou em 1889 já o seu contracto era de 50.000 duros por dez corridas.

Foi n'esta praça que Mazzantini realisoou uma das suas maiores proezas, havendo actualmente em Lisboa quem a ella assistisse, a *faena* do celebre touro *Fortuna*, do conde de Patilla, que proporcionou ao *diestro* o titulo de *Rey del volapié*. Este monstruoso animal media um metro de abertura de hastes, o que o tornava incapaz para a lide, pois Mazzantini toureou-o e matou-o superiormente.

—Tomei todas as precauções aconselhadas pelo grande Montes— disse-me — colloquei um bandariheiro á cauda, recurso para casos extremos, mas foi n'este touro que verdadeiramente aprendi a matar.

A primeira vez que veiu a Portugal!

Mazzantini com o traje com que
Matou os castores *Hagenwötter*
(1896) O traje photographou-
se com o traje de toureiro de
Mazzantini



colhidas. Estas, devido ao grande alvo que offerecia, foram sempre *apparatosas*, sendo bastante graves as soffridas em Sevilha, Bajajoz, Bilbao e Madrid, que foi a ultima.

Descreveu-me a de Sevilha: era pela festa da Ascenção de 1887, um d'estes *meninos* espirituosos que em Hespanha frequentam a barreira, esquecendo que o artista está arriscando a vida para divertil-o, passou a tarde dirigindo chufas ao *diestro*. Tocam a matar quando o animal estava proximo do tal espectador gracioso, Mazzantini começa a *faena*, mas para responder a uma impertinencia desagradavel, distrahe-se, e o touro carregando alcança-o no ventre. Por simples instincto de conservação da vida, agarra com ambas as mãos a haste em que se via pendurado e quando a fera baixa a cabeça para nova arremetida, arranca-a de si n'um esforço derradeiro



1—Mazzantini, matador de novillos (1881)
2—Praça de touros de Lyon, (França) onde Mazzantini

foi em 1885, á praça do Campo de Sant'Anna, em que, com grande exito, toureou gratis n'uma corrida de beneficencia promovida pela sr.^a Duqueza de Palmella e patroc. nada por S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia.

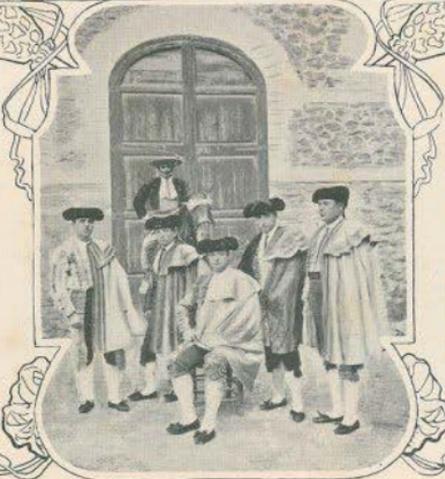
Mazzantini conserva, como era de prever, marcas indeleveis da sua passada vida, em dez cicatrizes, que tantas foram as suas

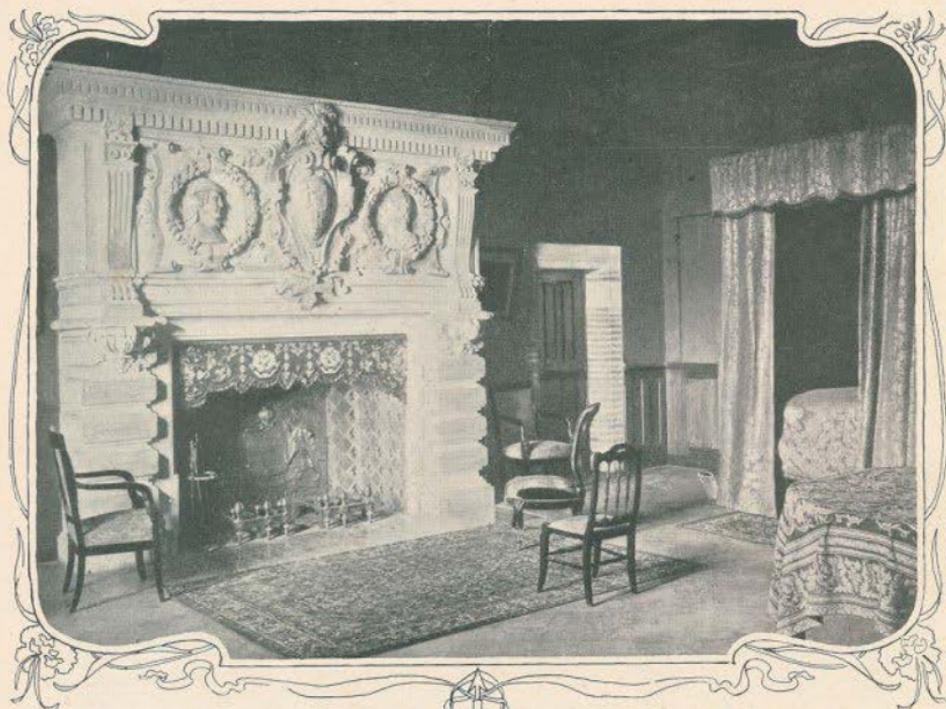
perden 250.000 francos por causa do assassinato do presidente Carnot
3— Ultima corrida da feira de Valencia (1904)

cahindo por terra extenuado.

Perguntei-lhe que impressão causava uma colhida.

—No momento nenhuma, não ha tempo, as dôres são depois; o pau d'uma rez corta como uma navalha de barba, e mostra-me uma grande cicatriz na palma da mão esquerda que mais parece feita pela lamina mais afiada.





A minha curiosidade levou-me a falar-lhe nos *quites* em que o *maestro* era notabilíssimo, estando sempre prompto a arriscar a vida para salvar a dos seus companheiros de trabalho. Teve lances de grande coragem e arrojo, referiu-me apenas um. Foi em Bilbao, o picador Rafael Alonso (El Chato) fôra derrubado por

um touro bravíssimo de Saltillo que, com furia, perseguia o vulto que ficara descoberto. Mazzantini interpõe o capote, mas o animal, cego, carrega e victimal-o-hia se o mestre n'um movimento temerario o não agarra pelas hastes salvando o picador a troco de um grave ferimento n'uma perna.

O traço mais bello da vida de Mazzantini é o seu grande amor pela esposa, em quem encontrára sempre o premio dos seus triumphos, o allivio das suas dôres e que ainda hoje recorda

com lagrimas de saudade. 25 annos na profissão de matar não conseguiram abalar a ternura do seu coração. Viajava sempre só, o seu maior sacrificio era tourear em Madrid, onde a esposa carinhosa ia ao limiar da porta despedil-o n'um beijo para depois ir resar á Virgem, enquanto elle, no seu *traje de luces*, partia com o animo



Dois aspectos da Villa Concepcion, em Puerto de Santa Maria, (Cadiz)

quebrantado no momento em que mais carecia de toda a sua coragem.

Em 1905, porém, indo ao Mexico, visitando Paris, New-York e a exposição de S. Luiz, levou pela primeira vez a esposa, que começava a pedir-lhe que abandonasse o toureio.

Quando cortares a *coleta*—lhe dizia—farei com ella uma pulseira que usarei enquanto viva, como recordação dos meus anhelos e symbolo da minha ventura.

Mazzantini fôra despedir-se do



Mazzantini, reagindo sobre a dôr pungentissima dos primeiros momentos, que soube transformar n'uma saude sempre viva, pôz a sua enorme actividade ao serviço do seu paiz. Rompendo o preconceito contra os ex-toureiros, que se tornam inuteis ou retiram para a lavoura, usou da sua influencia e popularidade e fez-se eleger conselheiro municipal de Madrid, cargo em que tem prestado relevantes serviços e que, assim como o de tenente de Alcalde, nenhum toureiro ainda alcançara. Os serviços prestados aos soldados feridos no attentado da Calle Maior valeram-lhe a commenda do Merito Militar, como o que fez pela instrucção lhe havia grangeado a de Isabel a Catholica.

Monarchico dedicado, filiado no partido liberal, propõe-se deputado por um circulo da Andaluzia, cujos povos o querem com idolatria.

Eis, a traços largos, a vida d'um homem que, para chegar a dirigir os seus semelhantes, luctou 25 annos com feras, 3,500 das quaes venceu.

Não será esta uma optima preparação?!

A. FERREIRA
D'ALMEIDA CARVALHO.



1—Mexico, (1902) 2—Mazzantini no dia do seu beneficio reconeando tourosa cavallo no hippodromo de Montpellier (1881).

publico mexicano n'uma só corrida que lhe produziu 25,000 duros. Deixando ali a esposa, foi a Guatemala tomar parte em quatro corridas, de onde voltava quando no dia 8 de março, ao desembarcar, recebeu a noticia do fallecimento de sua mulher.

A scena de beijos e lagrimas foi commovente e profundamente triste, mas, recordando-se do desejo da morta querida, n'um rasgo grandioso d'abnegação, em que uma simples teosoura poude aniquillar no seu auge toda uma vida d'esplendores, cortou a *coleta*, a pequena trança distinctiva da sua profissão, e com ella fez uma pulseira no braço esquerdo gelado que para sempre acompanhará. Embalsamado o cadaver, trouxe-o para Madrid.

O desembarque em Cadiz foi um acontecimento. a população disputava a honra de conduzir o feretro, que cobriu das mais perfumadas flores. Quando o funebre comboio passava pela casa de Puerto de Santa Maria, o ninho d'amôr d'aquelle casal infeliz, a multidão, apinhando-se na linha, fez paral-o, produzindo uma manifestação de sympathy, a mais grandiosa e sentida.

Mazzantini brindando a El-Rei D. Carlos em um touro de Veragua, que matou em Madrid d'um soberbo *toro*, a penultima vez que alli



esteve el-rei. A cabeça d'este touro, pintada a oleo, existe na colleção real



O MAESTRO
AUGUSTO MACHADO

A nova opera de Augusto Machado, cuja primeira audição em S. Carlos se realisou na noite de 12 do corrente, constituiu um brilhante triumpho para o insigne maestro, cujas partituras antecedentes tão vantajosamente haviam affirmado já o seu superior talento de compositor. A critica foi unanime em salientar as valiosas qualidades artisticas da *Burguezinha*, entre as quaes destaca a sua admiravel contextura orchestral.

A *Burguezinha* é, na realidade, uma graciosa comedia lyrica, cujo libretto foi extraido de uma fina novella, bastante conhecida, de Frederic Soulié, o *Lion amoureux*, cujas scenas o distincto compositor conseguiu traduzir com a mais primorosa delicadeza de estylo. A execucao esmerada que teve concorreu ainda para o merecido successo que coroou a nova e bella obra musical portugueza, posta em scena pela empreza de S. Carlos com o mais meticoloso escrupulo de scenario e guarda-roupa.

A *Illustração Portugueza* aqui deixa consignada a sua homenagem de admiravel acillustre compositor.

(Cl. ché VASQUES)



RÉJANE



O Theatro Municipal do Rio de Janeiro. No medalhão o retrato da actriz Réjane, que brevemente o deve inaugurar com a sua companhia